

1ª Parte

Estudios

Pré-texto de Rimas Presas

Cláudio Martins

Depois de ouvir-me atentamente durante a apresentação de um livro de história, certo amigo mais chegado criticou-me, com todo o direito que a intimidade lhe concede, a persistência em dizer-me e revelar-me perfeccionista e, só por isso, antificcionalista.

Talvez a palavra *antificcionalista* tenha sido mal usada. Melhor seria deduzir que não consigo produzir ficção por apego à forma.

Sou, possivelmente, sofrível contador de histórias orais. Histórias longas ou curtas. Mas quando intento passá-las para o papel, o resultado deixa a desejar.

Minha preocupação com a sonoridade da palavra, quando não com o burilado da frase, interrompe invariavelmente a espontaneidade da narrativa. E o fio da meada se esvai. A prosa sai aos pulos, aos solavancos. Forçada e insulsa.

A desconcertante demonstração desse prejudicial condicionamento me deu Milton Dias, o grande cronista conterrâneo, a quem levei dois monstrenhos, paridos de sete meses por minha técnica arresvada.

O amigo, eternamente presente na melhor lembrança, ficou meio encafifado. Não era de negar-me nada. E compreendi que havia ali algo duvidoso.

Inda assim, desentendemo-nos pela primeira e única vez. Recusei, amuado, estampar a prosa rebuscada no jornal de letras por ele então dirigido.

O tragicômico do episódio foi o fato de o velho Milton, logo mais, incidir em idêntico tropeço, ao pretender trocar a crônica amena, de que se fez mestre excelente, pelo romance, uma barganha que repudiaria inafastavelmente. Sem se fazer justiça, é evidente.

Mais tarde, querendo tirar a limpo aquela teima que não houve, mostrei ao escritor e jurista Fran Martins outros malogrados frutos de meu estilo trabalhado. E o amado irmão, prosador de larga experiência, não disse que sim, nem que não. Na verdade, apenas desconversou, ensejando uma prudente reflexão.

Restava, é de ver-se, aprimorá-lo antes de tudo, libertando-o das regras rígidas de Said Ali. Ou mudar de toada.

Foi o que fiz. Acomodei-me à lucubração científica, em que já granjeara algum sucesso.

Para não liquidar de todo o literato que não pude ser até agora, tornei ao verso livre e à conferência sobre assuntos de meu que-fazer cotidiano, notadamente educação e literatura natural. Neste tanto, igualmente como pesquisador

Advirta-se que o verso branco, decerto por fugir às injunções de rima presa, incutiu-me a mania de poetar desde recuada adolescência, no Crato, onde, como aprendiz de tipógrafo, perpetrei algumas misérias, às vezes anônimas, quando não escondidas no pseudônimo *Ênio das Mercês*.

Depois, já em Fortaleza, *Das Mercês* cometeria recaídas reiteradas, graças à condescendência da *Gazeta de Notícias*, jornal jovem e acolhedor. A *Gazeta* sempre lhe respeitou o acanhamento.

Em 1961, emparceirado ao gravador e escultor Sérvulo Esmeraldo, responsável por dez magníficas ilustrações, publiquei meu primeiro livro de poemas. A motivação do feito seria ajudar a um educandário que abrigava filhos de hansenianos, então a braços com sérias dificuldades financeiras.

O pintor Antônio Bandeira, dileto e imperecível companheiro de agradáveis tertúlias, faria um lançamento condigno no Rio de Janeiro, onde pontificava como artista plástico de projeção internacional.

Uma greve universitária estancaria a idéia, e apenas bem poucos exemplares puderam ser ultimados.

O material restante, estocado nas oficinas gráficas da Universidade Federal do Ceará, proporcionaria depois outra publicação, a que nós, eu e o Sérvulo, batizamos de *Metamorfose*.¹

Naquela malograda incursão pelo reino encantado de Camena figurou uma louvação ao Crato, palco e testemunha de minha trêfega mocidade. Louvação, diga-se de passagem, bastante curiosa. Não apenas pela técnica tomada de empréstimo a meu irmão mais velho, o poeta Martins d'Alvarez, como porque, no fundo, no fundo, retratava cruamente o pedaço indeciso de uma surpreendente adolescência.

Tal como o Alvarez, que usara Gonçalves Dias na feitura de seu poema *São Luis do Maranhão*,² vali-me de Casimiro de Abreu e escrevi esta lembrança:

Ó que saudades que tenho
de aurora de minha vida,
pobre aurora,
pobre vida
de menino abandonado,
mas quanta alegria,
quanta,
naquele doce abandono,
sem afeto,
sem carinho,
nos descuidosos vagares,
na ingênua felicidade
que os anos não trazem mais!

Na minha infância querida
o Crato era bem pequeno
mas para nós era um mundo,
nosso mundo de meninos,
suas estradas de areia,

¹ Fortaleza, Edições Clã, 1977.

² *In Roteiro Sentimental* – Rio, MEC, 1967, p. 29.

suas ruas tortuosas,
o seu céu de primavera,
ainda não perturbados
pela civilização,
eram todinhos só nossos,
nossos só,
de mais ninguém.

E sempre que apetecia,
sem camisas
que não tínhamos,
nós descalços,
braços nus,
íamos furtar sem remorsos
o pomar de Siá Aninha
ou tomar banhos de açude,
brincar de manja
ou peteca,
acoitar os mais franzinos,
travar batalhas a pedras,
rolar à noite na areia
com as filhas de vizinha.

Naqueles tempos ditosos
o Crato tinha de tudo,
tinha o poço-da-escada
— nossa piscina de pobre,
o Cinema Paraíso
com Carlitos,
com Tom Mix,
feiras-livres,
cantadores
e muitas e muitas vezes
o Grande Circo Olimecha
de fama internacional!
— Hoje tem espetáculo?
Tem sim, senhor

— Às 8 horas da noite?
Tem sim, senhor
— Olha a negra na janela!
Tem a cara de panela
— Olha a negra no portão!
Tem a cara de tição
— O palhaço, que é?
É ladrão de mulher...
— Ó raio
— Ó sol
suspendam a lua
Bravo do palhaço que anda na rua
— Ó raio
— Ó sol...
O palhaço ordenava:
— anima rapaziada da canela fina!
E a vaia estrugia
e a negrada vibrava,
espalhando pela cidade virgem
nosso contentamento sem limites.

O negro Vicentinho,
bem à frente,
no braço magro exibindo
a cruz branca de alvaiade
— a cruz que era o seu ingresso,
enchia de inveja o filho do Promotor
que não podia ser moleque.

Nossas almas, Casimiro,
tão mal guardadas,
tão soltas,
não respiravam inocência
— essa inocência toda!
pois as coxas torneadas,
roliças,
gordas,

bonitas,
da menina do trapézio
do Grande Circo Olimecha
eram já acenos lúbricos
à nossa precocidade.
No jogo de cabra-cega
era sempre a Mariazinha,
tão mansa,
tão boazinha,
que gostávamos de agarrar.
Mas que fazer, Casimiro,
nos dias de minha infância
a rua era nossa escola,
palmatória era um estímulo
ao invés de corretivo,
nossos pais não tinham tempo
e a sua pedagogia
era o chicote.
No entanto, Casimiro,
o que é bom sempre tem fim.
Um dia chegam desgraças:
trem,
automóvel,
avião,
tomando conta da rua,
mudando a face de tudo,
destruindo o nosso mundo,
nosso mundo de meninos...
O Crato não foi mais Crato,
ficou tudo lá atrás,
passou tudo,
morreu tudo,
até mesmo, Casimiro,
a nossa infância querida
que os anos não trazem mais!
Quem me dera, Casimiro,
àqueles tempos tornar,

quem me dera, Casimiro,
moleque voltar a ser,
gritar palhaço nas ruas,
encher de frutos roubados
os bolsos por-acolá.

De que me valem tesouros,
de que me valem honrarias,
de que me vale o que tenho,
se tudo, tudo eu daria
por aquilo que não tive,
por minha infância querida
que nunca mais há de vir...

Ó que saudades que tenho
da aurora de minha vida!

Em 1968, novamente voltado para a prefalada instituição filantrópica a serviço das vítimas da doença de Hansen, publiquei, em parceria com os poetas Otacílio Colares e Antônio Girão Barroso, *30 Poemas para Ajudar*.³

Dessa vez o objetivo foi plenamente atingido. A instituição teve seu quinhão, graças aos excelentes parceiros e à colaboração do ensaísta e poeta bissexto Mozart Soriano Aderaldo, além de outros velhos companheiros, dentre os quais Mino, o grande artista conterrâneo e Lúcio Brasileiro, mestre da crônica social e inigualável em fidelidade afetiva.

Confesso, desvanecido, que também fui beneficiário desse lançamento. Uma das mulheres talentosas de minha geração, Margarida Sabóia de Carvalho, aplaudiu-me e felicitou-me espontânea e carinhosamente por este outro extravasamento, a que batizei de *Poema do Desencanto*:

Vejo dois enamorados
que se amam

³ Fortaleza, IU, 1969.

falando a doce linguagem
de mãos que se apertam
ternas.
Tivesse o tempo parado
eternizando os momentos
em que também me apertavas
as mãos que eram só ternura
e eu não lamentaria
esses dois enamorados
que se iludem
de mãos dadas.
Oh! atos que embruteceram
nossas mãos que se estreitavam
oh! palavras impensadas

que em garras as transformaram
oh! gestos que lhes roubaram
aquela doce ternura
oh! dura realidade
que me faz tão desgraçado
vendo dois enamorados...

Não poderia receber paga mais generosa. (Deus te abençoe, mana inesquecível!).

Igualmente gratificante afigurou-se-me a preferência de Mozart Soriano por este *Poema da Maldade Divina*.

É inegável
que Deus criou o mundo em seis dias.
E como lhe parecesse conveniente
ter alguém para apreciar-lhe a grande obra
tomou de um pouco de argila
e fez o homem
à sua imagem e semelhança.
É inegável também
Que jamais estive em suas altíssimas cogitações
criar um mundo feliz

onde pudessem reinar a paz e a tranqüilidade
pois que
oniscientemente
deu ao primeiro homem uma companheira...
Depois veio a bomba atômica.

Como não poderia deixar de acontecer, a despretensão levou-me, em boa hora, a associar-me a Milton Dias. E juntos, para sempre unidos, encetamos uma *Viagem no Arco-Íris*,⁴ misto de versos livres e crônica amena, do qual destaco pequena amostra, levado por simpática apreciação crítica do escritor, poeta e pesquisador Sânzio de Azevedo.

O poema diz assim:

Não chores o que parte
mas o que fica
partir é sempre uma solução
e nada é pior que uma perda irremediável.
Seja eu o primeiro a despedir-me
e minha vida terá sido um êxito.

Infinitamente mais envaidecedora terá sido a gentileza de um amigo caríssimo, Edson Souza Leão Santos, reproduzindo em mensagem natalina estas *Reflexões em Louvor a Deus Menino*, estampadas no livro em referência:

Humano
e porque humano
imperfeito
reconheço e deploro
humildemente
os meus incontáveis defeitos.
Muita vez
injusto ou
intolerante
não tenho o direito de julgar
ou inculpar o meu semelhante.

⁴ Fortaleza, IU., 1974.

Nem perjurarei
outro tanto
prometendo emendar-me
pois voltarei a pecar.
Uma coisa
porém
posso dizer e jurar:
Não tenho memória para as ofensas recebidas
em meu coração não há lugar para ódio
ou rancor
e daria tudo por reparar o mal que hei causado
voluntária
ou involuntariamente.
Reconheço
ademais
que todos os homens são meus irmãos
e eu os respeito
e lhes estendo a mão
perdoando
e pedindo
para ser perdoado.

Para não perder jeito e hábito, ainda hoje tento uma porção
de exercícios semelhantes, às vezes desabusados como esta *Pre-*
ce matreiríssima:

Deus é grande
muito grande
bem maiores seus poderes
Amar a Deus
(eu não nego)
faz parte de meus deveres
Por que negar as origens?
Por que cometer pecados?
Por que não ser complacente?
Por que não amar somente?
Minha santa e boa gente

ouvi o que vos declaro:
— o que vale
o que compete
é pedir
contritamente
venha Deus em nosso amparo
já que é onipotente

Meu Senhor

bastante amado
criador do Céu e Terra
a minha prece escutai:
— O afeto que se encerra
em vosso peito clemente
precisa ser indulgente
entender minha fraqueza
— É preciso
é pertinente
demonstrar muita grandeza
— E o é
principalmente
porque
teste fabuloso
(terreno porém gostoso)
com base no qual eu mato
é a mulher
— um barato!

Não penseis que faço pouco
nem que desatento a siso
mas por mulher fico louco
fico leso
fico liso

E estranhamente, sem direito à divulgação, meus cadernos registram coisas assim:

Uma flor
um perfume
uma fala mansa

E como se não bastassem
um pouco de neblina
irisando a madrugada

A meu lado
(enquanto Deus é servido)
a mulher que amo
a mulher que me faz ver tudo isso
ainda que não exista

E reincindo numa definição:

Viver
é sonhar
é querer duvidando
é duvidar vacilando
— Muito amor de permeio
e protestos
e juras
(delírio também vale)
além de
aqui-acolá
morrer-se um pouco
na ausência

Isto posto

não me faltem nunca
os sonhos
os desejos
e até mágoa sem remédio

E que o tédio inexista
nos desencontros

inevitáveis
de nossa benquerença

E as flores cada vez mais vicejem
E de fragrâncias se mesclêm
na moldura irisada da neblina
nossas madrugadas radiosas

E cante sempre
em meus ouvidos precisados
a ternura de tua fala mansa

Ou isto:

Como dizer coisas novas
se o pensamento é velho...

Como vencer a barreira do tempo
e renovar a alma...
Sinto que o mundo mudou
mas não pude ir além.

Por tudo isso é difícil acomodar-me
à quebra das distâncias.

Sou a inaceitação do agora
e a antítese do depois.

No entanto

milagre às vezes acontece
e no caminho podem renascer flores.

Então

a força da benquerença
talvez me restitua o alvorecer.

Afrodite, aqui e ali me inspirou tiradas deste jaez:

Garimpando uma rima pra candura
colho ternura
mas se procuro rima para amor
o que recolho muita vez é dor

É que candura gera só doçura
mas bem-querer
— condição inapelável de viver —
é um tanto de prazer e desventura
e muito de sofrer

Amor é sobretudo doação
— é dar sem receber —
porém, da transa doida do querer
resulta confusão
Quanto mais quero
e amo
e me aprofundo
nas transas de um amor
mais eu padeço
e de prazer me inundo
num misto de ternura e dissabor.

Finalmente, vale transcrever minha acanhada tradução do
Soneto de Arvers, inserta no livro *Sonetos Descartáveis*.⁵

Na minha alma carrego, em segredo só meu,
eterno e puro amor, num momento nascido,
tal um mal incurável e só de mim conhecido,
pois que quem o inspirou jamais o percebeu.

E sempre ignorado, sozinho, malferido,
sem nunca merecer um simples gesto seu,
hei de morrer de amor, por nada ter perdido,
e nada receber de quem nada entendeu.

Posto feita por Deus, com doçura e carinho,
alheia a meu segredo, irá, pelo caminho,
meu afeto pisando, inda não sendo má.

E presa a seu destino, indagará, singela,
sem ver nos versos meus a pura imagem dela:
“Quem foi que os mereceu?” — e nunca o saberá.

⁵ Fortaleza, IU, 1983.

A certa altura, após incoseqüentes desencontros, desentendi-me com meu mais que irmão Otacílio Colares, senhor e possuidor dos segredos da rima presa e do verso solto. Inadmitindo minha discordância relacionada com a relação de um verso inserido em seu primoroso poema *Amigos*, o poeta desafiou-me a fazer um soneto.

Até aí, as nuances da arte de Petrarca me eram totalmente estranhas. E disfarçava tal insuficiência num fingindo menosprezo.

Toda, apanhando a luva (com perdão da antiguidade), enveredei pela licença de Baudelaire, aprendi com Sânzio de Azevedo a contar e dentro em pouco, enfrentando a natural mangofa do Otacílio (só muito depois ele me acolheria a afoiteza), dei à luz *Sonetos e Trovas*.⁶

E como tomei gosto pela novidade, em 1983, numa edição limitada a 150 exemplares, publiquei os prefalados *Sonetos Descartáveis*, obra sem dúvida valorizada pelas ilustrações do artista plástico Alberon Soares.

A mania vingou. E digo-o sem falsa modéstia: petrarquear agrada-me sumamente. Admito, inclusive, que produzir soneto é arte fascinante, posto que incompreendida. É assim que um guru familiar muito exigente propõe-me a inclusão de livro de minha autoria em alentado projeto editorial que está realizando, **desde que não seja poesia**.

Acredito que declinarei da generosa oferta. Não me parece possível incultar um conspícuo tratado de Direito ou de Finanças Públicas como prosa amena.

Mas vou satisfazer-me a mim mesmo, pondo ponto final neste cavaco com alguns dos sonetos que dormem em minha complacente gaveta.

Não o faço por pirraça. Faço-o por desfastio. Para minha exclusiva recreação. Assim como quem se penitência.

Cada um se diverte como pode. Que me perdoem o pretexto.

⁶ Fortaleza, IU, 1981.